

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Esperança dos Jovens NEEF em meio rural: o papel do suporte social.

Joana Filipa Arcanjo da Fonseca

Mestrado em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em
Risco

Orientador:

Doutor Francisco Simões, Investigador Auxiliar,
CIS-ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2020



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Esperança dos Jovens NEEF em meio rural: o papel do suporte social.

Joana Filipa Arcanjo da Fonseca

Mestrado em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em
Risco

Orientador:

Doutor Francisco Simões, Investigador Auxiliar,
CIS-ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2020

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao Doutor Francisco Simões pela sua orientação, partilha de conhecimentos, disponibilidade e apoio, sempre com uma palavra divertida, ao longo deste trabalho que teve demasiados percalços. Foi uma verdadeira honra trabalhar consigo.

Quero, também, agradecer à Fundação Aga Khan, em especial à Marlene Vaz e ao Rodrigo Faria. Apesar de os tempos atuais não terem permitido que a ideia inicial fosse para a frente, sou-vos grata pelo esforço e preocupação.

Às minhas amigas de sempre (Ana Catarina, Beatriz, Carolina, Catarina e Joana), que a vida vos mantenha sempre próximas de mim. Um eterno obrigada pela constante partilha de aventuras e emoções, pelo apoio e confiança que me motiva sempre a ser e a fazer mais e melhor.

A todos aqueles que se cruzaram no meu percurso académico, especialmente à Marta e à Patrícia, as grandes amigas que levo do ISCTE, obrigada pelos momentos de aprendizagem, motivação e diversão, por terem feito deste percurso uma experiência ainda mais enriquecedora, sem vocês não teria sido a mesma coisa. Ao ISCTE que se tornou uma segunda casa desde o primeiro dia, obrigada por estes 5 anos da minha vida.

Por último, mas mais importante, um especial obrigada à minha família e ao João. Obrigada pela vossa compreensão, pelo vosso esforço e por acreditarem em mim e nos meus sonhos. Obrigada pelo amor incondicional, nunca terei palavras suficientes para vos agradecer.

Resumo

Os jovens que não se encontram nem a trabalhar nem inseridos em sistemas de educação/formação (NEEF) atingiram um total de 282,9 mil só em Portugal, em 2020. Com o surgimento da COVID-19, espera-se que este número continue a crescer, devido às fortes vulnerabilidades deste grupo. Este estudo teve como objetivo compreender a relação entre questões socioeconómicas e a perceção de esperança de jovens NEEF residentes em meios rurais, e se tal associação varia com a perceção de suporte social.

Os dados apresentados fazem parte de uma investigação colaborativa entre o ISCTE-IUL e a Direção Regional do Emprego e Qualificação Profissional (DREQP) da Região Autónoma dos Açores. Desta constam 370 jovens NEEF, com idades entre os 25 e os 34 anos ($M = 28.86$; $DP = 2.79$), a maioria do sexo feminino (63.80%) e em situação de privação material severa (56.20%). Os dados foram recolhidos nos Açores, através de uma ferramenta digital – *chatbot*, durante o mês de junho de 2020.

Os resultados evidenciaram que piores condições socioeconómicas (i.e., maior privação material) estão associadas a níveis mais baixos de esperança destes jovens, como esperado. Ao contrário do previsto, a perceção de suporte social não influenciou a relação entre privação material e esperança. Contudo, o suporte social, especialmente o suporte familiar, mostrou estar positivamente associado à perceção de esperança dos jovens NEEF. Existe uma necessidade de desenvolver políticas que apoiem estes jovens em fase de transição, como o incentivo ao desenvolvimento de projetos que assegurem melhores condições para estes jovens em risco.

Palavras-chave: jovens NEEF; privação material; esperança; suporte social

Códigos PsycINFO: 2900 Processos Sociais e Questões Sociais; 3020 Processos de Grupo e Interpessoais

Abstract

Young people who are Neither in Employment, nor in Education or Training (NEET) reached a total of 282,900 in Portugal alone in 2020. With the emergence of COVID-19, this number is expected to continue to grow, due to the strong vulnerabilities of this group. This study aimed to understand the relationship between socioeconomic issues and NEET youth living in rural areas perception of hope, and whether this association varies with their perception of social support.

The data presented is part of a collaborative investigation between ISCTE-IUL and the Regional Directorate for Employment and Professional Qualification (DREQP) of the Autonomous Region of the Azores. This study includes 370 NEET youths, aged between 25 and 34 years old ($M = 28.86$; $SD = 2.79$), most of them female (63.80%) and in a situation of severe material deprivation (56.20%). The data was collected in the Azores, using a digital tool - chatbot, during the month of June 2020.

The results showed that worse socioeconomic conditions (i.e., severe material deprivation) are associated with lower levels of hope for these young people, as expected. Contrary to expectations, the perception of social support did not influence the relationship between material deprivation and hope. However, social support, especially family support, was shown to be positively associated with the NEET youth's perception of hope. There is a need to develop policies that support these young people in transition, such as encouraging the development of projects that ensure better conditions for these young people at risk.

Keywords: NEET youth; material deprivation; hope; social support

PsycINFO Classification Codes: 2900 Social Processes & Social Issues; 3020 Group & Interpersonal Processes

Índice

Glossário de Siglas	xiii
Capítulo 1. Introdução	1
Capítulo 2. Enquadramento Teórico	3
2.1. Jovens NEEF: Definição e Características	3
2.2. Jovens NEEF: Fatores de Risco Associados	5
2.3. Qual o Papel da Ruralidade Para os Jovens NEEF?	6
2.4. A Esperança nos Jovens	7
2.5. Jovens, Condições Socioeconómicas e Esperança	7
2.6. Suporte Social e Esperança.....	8
2.7. O Presente Estudo.....	10
Capítulo 3. Método.....	13
3.1. Participantes.....	13
3.2. Instrumentos	13
3.2.1. Escala de Satisfação com o Suporte Social	13
3.2.2. Escala de Esperança	14
3.2.3. Variáveis Sociodemográficas	14
3.2.4. Escala de Privação Material	15
3.3. Procedimentos	15
3.3.1. Procedimento de Recolha.....	15
3.3.2. Procedimento de Análise.....	16
Capítulo 4. Resultados.....	19
4.1. Análise Correlacional	19
4.2. Análise de Regressão.....	21
Capítulo 5. Conclusão	25
5.1. Implicações e Limitações	27
Referências Bibliográficas	29

Índice de Quadros

Quadro 4.1. Estatísticas Descritivas e Correlações	20
Quadro 4.2. Regressão Linear, Erro-Padrão e Intervalo de Confiança de 95% Para o Modelo 1, Modelo 2, Modelo 3 e Modelo 4.....	23

Índice de Figuras

Figura 3.1. Modelos de Mediação 1, 2, 3 e 4	17
---	----

Glossário de Siglas

DREQP – Direção Regional do Emprego e Qualificação Profissional

INE – Instituto Nacional de Estatística

NEEF – Jovens Não Empregados, que não estão em Educação ou Formação

NEET – *Not in Employment, Education or Training*

NUTS – Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

RAA – Região Autónoma dos Açores

CAPÍTULO 1

Introdução

O processo de transição da educação para o mercado de trabalho, ensino superior ou formação nem sempre é um percurso simples para os jovens. Aliás, a recente crise económica cujas repercussões ainda se fazem sentir através da falta de oportunidades, associada às constantes e rápidas mudanças sociais que vivemos nos dias de hoje, mas também às consequências já notórias da pandemia em curso, tornam este processo ainda mais complexo (Hutchinson & Kettlewell, 2015; Rowland et al., 2014). Atualmente, os jovens enfrentam vários desafios no momento de entrada no mercado de trabalho, tais como a falta de experiência e de competências laborais, o desencontro entre as competências que possuem e aquelas que os empregadores procuram, e também com poucas vagas de emprego, uma realidade vivida com maior força nas regiões rurais (Carcillo et al., 2015; Eurofound, 2012; Henderson et al., 2017; O’Dea et al., 2016).

É necessário identificar, mapear e compreender as características psicossociais destes jovens que se encontram em situações mais vulneráveis, em risco de exclusão social, como é o caso daqueles com idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos de idade que não se encontram nem a trabalhar, nem a frequentar o sistema educativo ou de formação, vulgarmente designados por nem-nem ou NEEF.

A literatura demonstra que jovens que abandonam os estudos precocemente têm menores oportunidades de emprego, o que poderá resultar, futuramente, numa maior dificuldade de regresso aos estudos (Schoon & Heckhausen, 2019). Importa, assim, compreender a presença de redes de suporte social que possam apoiar o compromisso emocional e comportamental (Li et al., 2011), bem como aumentar a resiliência dos jovens para enfrentar adversidades e explorar alternativas, contribuindo para a manutenção de um desenvolvimento saudável (Amparo et al., 2008; Sarason & Sarason, 2009).

Esta dupla desconexão da educação e do trabalho dos jovens de hoje terá várias repercussões para aquela que será a sociedade do futuro, pois para além do desinvestimento social e político de que estes jovens são vítimas e da ameaça do crescimento económico nem sempre sustentável, é perdido potencial humano, o que coloca em causa e desvaloriza as suas competências, funcionamento social e bem-estar psicológico (Alegre et al., 2015; Eurofound, 2012).

Para além das questões supramencionadas, importa destacar os riscos acrescidos a que os jovens que residem em áreas remotas, rurais ou insulares estão expostos, na medida em que estes apresentam alguns riscos particulares, os quais serão aprofundados mais à frente neste trabalho. Entre eles destacam-se as menores oportunidades de emprego, com um mercado de trabalho centrado no setor primário, baixas qualificações, limitações no acesso ao ensino, mobilidade reduzida (De Hoyos & Green, 2011) e risco mais elevado de pobreza, uma vez que os agregados familiares têm, muitas vezes, baixos rendimentos (Rowland et al., 2014; Sadler et al., 2015). A acumulação destes riscos manifesta-se numa redução de expectativas futuras e, por sua vez, numa diminuição do sentido de esperança destes jovens NEEF (Simões et al., 2017; Singh & Dika, 2003). Isto tende a agravar-se em famílias com escassez de recursos por não suscitarem nos seus filhos pensamentos de esperança, o que os impede de mais tarde ter competências necessárias para traçar o seu percurso mesmo atendendo às adversidades do meio (Lopez et al., 2000; Toraldo & Serio, 2014).

Tendo estas questões em mente e no sentido de colmatar a falta de estudos que se focalizem na relação entre as questões socioeconómicas, esperança e suporte social, mais especificamente, nestes jovens em risco, surgem os dois grandes objetivos deste trabalho. Primeiramente, pretende-se compreender a relação entre as condições socioeconómicas (em termos de privação material) e o sentido de esperança percecionado por estes jovens. De seguida, pretende-se, ainda, perceber se esta relação varia conforme a perceção que estes jovens têm do suporte social da sua família e amigos. Para que tal fosse possível, esta investigação decorreu na região de Portugal com maior proporção de jovens NEEF, a Região Autónoma dos Açores (RAA).

Enquadramento Teórico

2.1. Jovens NEEF: Definição e Características

Nos finais de 1980, o Reino Unido deixou de ter uma forma oficial de reconhecer o desemprego entre os jovens, ficando todos eles sem acesso a qualquer tipo de benefícios que possibilitassem a sua independência, sendo-lhes, simultaneamente, recusado um reconhecimento do seu estatuto de desempregado. Posteriormente, surgiram várias formas de categorizar este grupo de jovens como foi o caso da terminologia *Status Zero* (Mascherini, 2019). Esta definição apresentava uma conotação bastante negativa, cingindo-se apenas à ausência de estatuto destes jovens perante o (des)emprego, pelo que surgiu a necessidade de elaborar uma nova terminologia que pudesse abranger os mais variados tipos de jovens que se encontravam nesta situação. Os investigadores já utilizavam a terminologia NEET (*Not in Employment, Education or Training*), uma vez que esta lhes permitia alcançar toda a população jovem que estivesse fora do alcance dos sistemas formais, não integrando o mercado de trabalho, nem os sistemas educativos (Furlong, 2006). Foi apenas em 1999 que a terminologia Jovens NEET ficou oficialmente estabelecida, com o relatório *Bridging the Gap* (Social Exclusion Unit, 1999).

Atualmente, e segundo critérios internacionais, o termo NEEF, ou ‘nem-nem’ em português, são todos os jovens adultos com idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos de idade que não se encontram nem a trabalhar nem inseridos no sistema de educação ou formação (EUROSTAT, 2020; Eurofound, 2012; Furlong, 2006). A taxa de jovens NEEF em Portugal tem vindo novamente a aumentar, especialmente a proporção de jovens inativos, o que poderá ter sido agravado pela situação atual de pandemia. No segundo trimestre de 2020, estes jovens representavam 12.80% da juventude em Portugal, o que corresponde a 282,9 mil jovens (Instituto Nacional de Estatística, 2020). Esta categoria tem maior expressão no escalão etário dos 25 aos 34 anos (16.20%) e entre aqueles que frequentaram o ensino secundário e pós-secundário (13.70%), seguidos dos que frequentaram o ensino superior (11.70%). Conseguimos, ainda, verificar que se no primeiro trimestre de 2020 era o sexo feminino que apresentava maiores taxas de NEEF (11.50%; comparativamente a 9.40% do sexo masculino), neste último trimestre tanto homens como mulheres apresentaram uma taxa de 12.80%. Importa, também, olhar para a distribuição nacional dos jovens NEEF. Existem, de facto, disparidades importantes entre as grandes regiões do país (NUTS II). Zonas predominantemente urbanas, como a Grande Lisboa (8%), apresentam taxas mais baixas. Pelo

contrário, regiões predominantemente rurais, como a Região Autónoma dos Açores apresentam taxas mais elevadas, na comparação entre regiões do país. No caso deste arquipélago, a proporção de jovens NEEF com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos atingiu os 17%, em 2019 (EUROSTAT, 2019), sendo sistematicamente a região com taxas mais elevadas em Portugal.

A população NEEF é bastante heterogénea. Assim sendo, foram definidos cinco subgrupos para identificar jovens NEEF: *desempregados* (jovens desempregados, a curto e a longo prazo, correspondente a seis meses ou superior); *indisponíveis* (jovens cuidadores, responsáveis por prestar cuidados a terceiros); *desocupados* (jovens que não procuram emprego nem integram o sistema educativo, não tendo qualquer tipo de obrigações ou incapacidades); *à procura de oportunidades* (jovens que procuram emprego ou formação que se enquadre nas suas competências ou interesses); e *voluntariamente nesta condição* (jovens que se encontram a viajar ou a praticar outras atividades como arte ou música) (Eurofound, 2012; Furlong, 2006).

O facto de existir apenas uma terminologia para identificar esta população jovem mais vulnerável tem aspetos positivos e negativos. Por um lado, a existência de um só conceito facilita o desenvolvimento de políticas orientadas para esta população, permitindo, também, aos investigadores estabelecer, com mais facilidade, padrões de vulnerabilidade desta população. No entanto, este conceito revela uma grande falta de concordância na sua definição tanto entre organismos internacionais como entre países, o que dificulta o desenvolvimento de comparações internacionais. Por exemplo, a faixa etária utilizada para caracterizar os jovens NEEF inicialmente referia-se, apenas, a jovens entre os 16 e os 18 anos de idade. Mais tarde, passou a abranger jovens entre os 15 e os 24 anos de idade, segundo a OCDE. Já a Comissão Europeia considera os jovens NEEF como sendo aqueles que não estão empregados nem em educação, com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, ao passo que o EUROSTAT considera que esta terminologia deve ser aplicada àqueles nesta condição, até aos 34 anos (Batini et al., 2017; EUROSTAT, 2020; Furlong, 2006).

Grande parte da caracterização dos jovens NEEF tem sido desenvolvida no âmbito da sociologia e da economia. Para melhor compreender as características destes jovens, será também importante atender às teorias da psicologia do desenvolvimento social. À luz destas teorias, a faixa etária que abrange este grupo coloca várias questões acerca do uso do termo jovens. Arnett (2000) alertou para o surgimento de uma nova fase de desenvolvimento, denominando estes jovens dos 18 aos 25 anos como adultos emergentes. O próprio autor justifica esta nova fase distinta da adolescência e da idade adulta com o prolongamento dos estudos, obtenção de emprego estável, casamento e nascimento do primeiro filho que leva ao

atraso da entrada na idade adulta. Aliás, Arnett (2004) qualificou os adultos emergentes através de cinco principais características: *exploração de identidade*, em áreas como o amor e trabalho; *instabilidade*, como consequência natural das explorações; *fase da vida mais autocentrada*, com menos compromisso, permitindo uma tomada de decisão essencialmente individual e de acordo com prioridades pessoais, favorecendo a aquisição de um melhor conhecimento do próprio e das suas prioridades de vida; *transição*, o que se descreve como a idade de se sentir no meio, pois não se identifica nem como adolescente nem como adulto; e, por fim, como a *idade das possibilidades*, com maior noção de esperança e maior oportunidade para os jovens transformarem as suas vidas. Ao desenvolver esta conceptualização da idade adulta emergente, Arnett (2000) alertou desde o início que um dos benefícios do seu trabalho seria trazer mais atenção e investigação para os jovens muitas vezes esquecidos, que não continuam os estudos.

Assim sendo, e embora mantendo a designação usual de jovem NEEF, a investigação das características psicossociais deste grupo deve alertar para o desalinhamento existente entre as visões da sociologia e da psicologia social, procurando, ainda assim, promover uma análise integradora.

2.2. Jovens NEEF: Fatores de Risco Associados

A ideia da idade adulta emergente é útil para chamar a atenção para o impacto da transformação tecnológica e globalização nas transições juvenis, o aumento das qualificações e a maior incerteza sobre o futuro que isso implica (Bynner, 2005). Em conjunto, estes desafios alertam para questões que afetam os adultos emergentes, tais como: a evolução lenta dos sistemas educativos europeus, tornando incompatíveis os seus desejos e necessidades e as novas competências solicitadas pelos empregadores; a sua entrada no mercado de trabalho cada vez mais tardia; ou o aumento do risco de afastamento em relação ao mercado de emprego, dos sistemas formais de ensino/formação, vistos como rígidos e inflexíveis (Arnett, 2006; O'Reilly et al., 2015), e, por consequência, das comunidades e da sociedade em geral.

Do ponto de vista psicossocial, é verdade que muitos destes jovens não sabem como se apresentar a possíveis empregadores, não têm a confiança necessária para escolher entre a variedade de opções educacionais e profissionais, tendo muitas vezes habilitações literárias superiores aos seus pais, os quais não têm conhecimento base suficiente ou redes sociais apropriadas para auxiliá-los nas suas escolhas (Kraak, 2013).

Importa, então, destacar alguns fatores de risco que tornam os jovens mais vulneráveis e suscetíveis à condição NEEF. Entre eles podemos identificar as baixas habilitações literárias e

qualificações (Furlong, 2006), ser portador de algum tipo de incapacidade ou problema de saúde, ser imigrante ou ter um historial familiar de imigração, pertencer a uma minoria étnica, ambiente familiar difícil com historial de divórcio ou desemprego parental e baixo rendimento familiar/ estatuto socioeconómico (Caroleo et al., 2020; Mascherini, 2019), residir em áreas remotas ou rurais. Para além disto, o sexo parece ter um efeito importante, uma vez que as mulheres são mais afetadas pelo desemprego do que os homens (Eurofound, 2012).

2.3. Qual o Papel da Ruralidade Para os Jovens NEEF?

O risco de se ser um adulto emergente residente em áreas remotas ou rurais é uma realidade visível sobretudo nos países do sul da Europa, com especial evidência em regiões insulares como é o caso da Região Autónoma dos Açores. Neste contexto, o crescimento do número de jovens que não estudam nem trabalham acentuou-se a partir de 2010 aquando da crise económica que se instalou em Portugal. A RAA continua a apresentar a taxa nacional mais elevada até aos dias de hoje (EUROSTAT, 2019; Rowland et al., 2014).

Os jovens que residem nestas regiões são mais vulneráveis à situação NEEF, uma vez que estes locais são mais isolados o que por si se traduz numa maior perceção de barreiras, como também em oportunidades formativas e laborais mais limitadas e de qualidade inferior (Bæck, 2016; Rowland et al., 2014; Simões et al., 2019). Os jovens destas regiões estão, também, mais expostos a fatores de exclusão social como a pobreza e o desemprego (Simões & Rio, 2020), oportunidades de emprego mais restritas, centradas, sobretudo, no setor primário, com um baixo nível de competências requerido e baixos salários (Simões, 2018), desigualdade de acesso a serviços e fraca rede de transportes públicos (De Hoyos & Green, 2011; Sadler et al., 2015). Esta conjugação de fatores de risco poderá traduzir-se na necessidade de mobilidade para centros urbanos ou mesmo para o continente. Contudo, muitos jovens nestes meios não têm oportunidade económica para o fazer (Bæck, 2016). Aliás, ruralidade e baixo estatuto socioeconómico produzem, em conjunto, uma maior desvantagem educacional para os jovens que residem nestes locais (James, 2001), acabando por resultar numa acrescida dependência das respetivas famílias (Carcillo et al., 2015) bem como em experiências profissionais precoces, usualmente breves e precárias (Almeida & Simões, 2020).

Esta escassez de recursos e oportunidades sociais, educacionais e de emprego dos jovens NEEF rurais unem-se como um risco para reduzir as suas expectativas futuras (Simões et al., 2017; Singh & Dika, 2003). Deste modo, interessa compreender como este contexto desfavorável acaba por condicionar os níveis de esperança dos jovens NEEF, em meios rurais.

2.4. A Esperança nos Jovens

A *esperança* é definida como a capacidade percebida de derivar uma série de caminhos (*pathways*) possíveis para aqueles que são os objetivos desejados e ter iniciativa (*agency*) para utilizar essas estratégias (Snyder, 2002). Estas duas dimensões estão positivamente relacionadas, sendo que nenhuma consegue definir isoladamente a esperança (Marques et al., 2014).

Aqueles que têm uma forte noção de esperança apresentam maior potencial de desenvolvimento pessoal positivo, descrito por níveis mais elevados de satisfação com a vida, competência social, desempenho acadêmico, saúde e longevidade (Marques et al., 2014). É, ainda, possível verificar uma correlação significativamente positiva entre a esperança e a exploração de carreira, dado que a esperança implica a previsão de caminhos e um sentido de iniciativa para atingir os objetivos desejados com sucesso. Portanto, jovens com níveis de esperança elevados são mais confiantes e, por sua vez, consideram mais fácil envolver-se na exploração de opções de carreira e refletir sobre objetivos futuros, algo essencial para aqueles que enfrentam um maior número de desafios na transição para a sua carreira profissional (Hirschi et al., 2015). Importa, também, destacar a esperança enquanto crença otimista que leva as pessoas a visualizar objetivos como possíveis e concretizáveis, refletindo a confiança do indivíduo no seu sentido de iniciativa e competência (Bishop & Willis, 2014).

Para os jovens é importante perceber a esperança como o resultado do apoio de outras pessoas, pois isso terá impacto na visão positiva de si mesmo e do seu futuro (Bishop & Willis, 2014). Aliás, Lopez e colegas (2000) sugerem que a esperança possa ser influenciada por questões ambientais e socioeconômicas, o que será explorado de seguida. Torna-se, então, essencial compreender o impacto das condições socioeconômicas e das relações sociais dos jovens NEEF, uma vez que o apoio percebido nas relações sociais poderá oferecer a possibilidade de recuperar a capacidade de dar significado às experiências e planejar o seu futuro, em contexto de especial adversidade (Toraldó & Serio, 2014). Tal é designadamente importante em meios rurais, onde os níveis de adversidade tendem a ser maiores e a ter maior impacto nas trajetórias de desenvolvimento pessoal.

2.5. Jovens, Condições Socioeconômicas e Esperança

As questões socioeconômicas têm um importante destaque neste trabalho, uma vez que procuramos compreender a sua influência na esperança destes jovens. Diferentes investigações tendem a adotar diferentes indicadores para medir o estatuto/condições socioeconômicas, como

a escolaridade, o poder, a riqueza ou o acesso a recursos. Neste estudo, as questões socioeconómicas são avaliadas tendo por base o indicador de privação material que, segundo o EUROSTAT (2018), se trata de um estado de tensão económica no qual se verifica uma incapacidade para suportar despesas ou bens considerados necessários ou desejáveis para uma vida adequada.

Na sua relação com a esperança, a literatura mostra-nos que famílias com menores condições socioeconómicas tendem a inculcar menos esperança nos seus jovens, o que os faz percecionar mais barreiras, a planear e visualizar menos objetivos futuros, desenvolver menos estratégias e a ter menos iniciativa para os alcançar (Bishop & Willis, 2014; Lopez et al., 2000). Ao invés, jovens provenientes de famílias com melhores condições socioeconómicas tendem a apresentar uma visão mais positiva do seu futuro, a delinear mais objetivos e estratégias para os concretizar (Yin et al., 2019). Este número limitado de recursos ao produzir níveis mais baixos de esperança poderá resultar, a longo prazo, em graves consequências a nível da saúde física e psicológica (Lopez et al., 2000). Porém, é de realçar que embora os recursos materiais sejam um fator influenciador da situação NEEF, estudos mais recentes mostram que a motivação e o desejo de um jovem para alcançar um determinado objetivo aumentam a sua resiliência e ajudam-no a superar um cenário de desvantagens (DeLuca et al., 2015).

2.6. Suporte Social e Esperança

Podemos definir *suporte social* como um conjunto de recursos sociais percecionados como disponíveis ou aqueles que são realmente providenciados tanto no contexto de suporte formal como nas redes de apoio informais (Gottlieb & Bergen, 2010). O suporte social envolve uma interação bidirecional, entre pessoas que experienciam eventos stressantes e terceiros, na qual é expectável que ambas as partes forneçam e recebam suporte quando necessário. Este pode assumir uma forma informacional, material ou emocional (Gottlieb & Bergen, 2010; Jung, 1987).

Importa distinguir várias formas de suporte, tais como suporte social percebido e suporte social recebido, suporte social formal e suporte social informal. Suporte social percebido é a crença de que, caso seja necessário, existem redes disponíveis para auxiliar o sujeito. Por sua vez, o suporte social recebido é aquele que realmente é disponibilizado pela rede de suporte (Gottlieb & Bergen, 2010; Vangelisti, 2009). Dunst e Trivette (1990, citados por Ribeiro, 1999) distinguem suporte social informal, como aquele que é prestado nas atividades do quotidiano por familiares, amigos ou grupos sociais, de suporte social formal (disponibilizado por

organizações sociais como hospitais, programas governamentais e serviços de saúde preparadas para fornecer assistência a quem necessitar).

Estes últimos investigadores sugerem a existência de cinco componentes de suporte social interligados, entre eles: componente constitucional (necessidades e congruência), componente relacional (estatuto familiar, profissional, tamanho da rede social), componente funcional (suporte disponível, tipo, qualidade e quantidade de suporte), componente estrutural (proximidade física, frequência de contacto, proximidade psicológica, nível da relação, reciprocidade e consistência) e a componente satisfação (utilidade e ajuda fornecida). Os mesmos autores destacam, por sua vez, 11 dimensões de suporte social importantes para o bem-estar: (a) tamanho da rede social; (b) existência de relações sociais; (c) frequência de contacto; (d) necessidade de suporte; (e) tipo (emocional, informacional, instrumental, material) e quantidade de suporte; (f) congruência, em que medida o suporte social disponível corresponde ao que o indivíduo necessita; (g) utilização (recorre às redes sociais quando necessário); (h) dependência (confiança nas redes de suporte social); (i) reciprocidade (equilíbrio entre o suporte social recebido e fornecido); (j) proximidade, sentida com aqueles que disponibilizam suporte social; (k) satisfação, a qual expressa a utilidade e nível de ajuda percebidos pelo sujeito no momento da prestação de suporte social.

De acordo com Jung (1987), existe uma norma social e uma expectativa de que a família e os amigos devem auxiliar aqueles que vivenciam um momento de stresse. Aqueles que relatam uma percepção de esperança mais elevada sentem que podem contar com a sua família e amigos, e apresentam melhor ajustamento social (Snyder, 2002). Estas evidências são notórias na literatura que destaca a família como a principal fonte de suporte para os adolescentes e jovens adultos, seguida do suporte dos amigos (Singh & Dika, 2003; Vilhjalmsson, 1994).

No caso das áreas rurais onde este efeito é claramente visível, para além de existir uma maior proximidade e dependência dos pais e amigos, os jovens NEEF cujas famílias possuem mais recursos materiais podem também beneficiar de recursos sociais informais os quais se poderão traduzir em mais oportunidades para encontrar emprego e, logo, numa menor percepção de barreiras face ao seu futuro (Almeida & Simões, 2020; Simões, 2018). Por outras palavras, o suporte social informal poderá compensar falhas dos serviços formais e outros problemas sociais, sobretudo em indivíduos com menos recursos. Existem, também, estudos que apontam para o efeito protetor da família perante riscos como escassos recursos económicos e a mobilidade reduzida de jovens residentes em áreas remotas (Almeida & Simões, 2020; Papadakis & Kyvelou, 2017).

Quando procuramos entender se o suporte social poderá mediar a relação entre privação material e esperança apenas conseguimos verificar a existência de estudos que analisam esse padrão de relação entre indicadores de condição socioeconómica e outros relacionados com o bem-estar, tais como a perceção de saúde dos jovens ou o otimismo (Piko et al., 2013; Salonna et al., 2012). Aartsen e colegas (2017) encontram uma fraca associação nesta mesma relação, pelo que destacam a possibilidade da interação de outros fatores no domínio do funcionamento como a genética, personalidade e estilo de vida dos participantes. Existe também literatura que evidencia a relação de mediação do suporte social nas condições socioeconómicas e depressão em adolescentes (Piko et al., 2013; Zou et al., 2020) e, ainda, com a satisfação com a vida em jovens chineses (Yan et al., 2020). Em geral, existe uma evidência da relação direta entre o suporte social familiar e a esperança, nomeadamente de que níveis mais elevados de suporte social foram positivamente associados a níveis mais elevados de esperança (Archer et al., 2019; Kemer & Atik, 2012; Ling et al., 2015). Paralelamente, outros estudos empíricos demonstram que aqueles sujeitos que percebem mais suporte social sentem maior vontade de atingir os seus objetivos, ao mesmo tempo que se sentem mais capazes de pensar em várias formas de os alcançar, o que revela uma relação significativa entre o suporte social percebido e ambas as dimensões de esperança (caminhos e iniciativa; Fruht, 2015). De facto o suporte social parental tem demonstrado uma associação positiva na perceção de esperança dos adolescentes, no entanto, apesar de se acreditar que os pares e amigos podem afetar positivamente a capacidade de um jovem planear e alcançar objetivos, esta relação com a esperança necessita de ser mais explorada (Archer et al., 2019), especialmente entre jovens mais vulneráveis como é o caso dos jovens NEEF.

2.7. O Presente Estudo

Esta investigação tem dois principais objetivos. Primeiro pretende-se compreender de que forma as questões socioeconómicas afetam a perceção de esperança dos jovens NEEF residentes em meios rurais (neste caso, na Região Autónoma dos Açores). Em segundo lugar, procuramos compreender se a relação entre estas variáveis é mediada pela perceção de suporte social destes jovens, mais especificamente suporte da família e amigos. As questões socioeconómicas são analisadas a partir do indicador de privação material, enquanto que o construto de esperança terá por base as suas dimensões - caminhos e iniciativa, tal como definidas por Snyder (2002).

A literatura revista evidenciou a influência das questões socioeconômicas na percepção de esperança entre os jovens, indicando que muitas vezes agregados familiares com menores possibilidades não tendem a incutir sentimentos de esperança relativamente ao futuro e às adversidades que possam emergir nas gerações mais jovens (Bishop & Willis, 2014; Lopez et al., 2000; Yin et al., 2019). Assim, surge a primeira hipótese deste estudo – É esperado que jovens que relatem estar numa situação de privação material (ou privação material severa) apresentem menor percepção de esperança, tanto na dimensão caminhos como na iniciativa (Hipótese 1).

Vemos neste estudo uma possibilidade para explorar a influência do suporte social, seja ele familiar ou dos amigos, na relação entre as condições socioeconômicas e a esperança dos jovens NEEF. Conseguimos encontrar, na literatura, supramencionada, que a família pode ter um papel protetor perante o baixo estatuto socioeconómico dos jovens rurais (Papadakis & Kyvelou, 2017) e que uma família com mais recursos pode levar a uma menor percepção de desafios face ao futuro (Almeida & Simões, 2020; Simões, 2018). É, ainda, visível o efeito positivo e significativo do suporte social na esperança (Archer et al., 2019; Fruiht, 2015; Kemer & Atik, 2012; Ling et al., 2015), apesar desta relação ser muito mais relevante no suporte familiar quando comparado com o suporte social das amizades (Archer et al., 2019). Deste modo, surgem as restantes hipóteses de estudo – Prevê-se que a percepção de suporte social familiar medeia a relação entre a privação material e a percepção de esperança dos jovens NEEF (Hipótese 2); Prevê-se, também, que a percepção de suporte social dos amigos medeia a relação entre a privação material e a percepção de esperança dos jovens NEEF (Hipótese 3).

Método

3.1. Participantes

Os 370 participantes neste estudo foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: (a) jovens com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos; e (b) registo de não estarem empregados e/ou em educação/formação nas quatro semanas prévias ao estudo, nas agências de emprego da Região Autónoma dos Açores. Os critérios de inclusão seguem as indicações do EUROSTAT (2020) para a caracterização de jovens NEEF. Os participantes foram selecionados a partir de um estudo mais abrangente a decorrer na mesma região e que inclui jovens a partir dos 18 anos.

Nenhum dos participantes se encontrava inserido no mercado de trabalho ou no sistema de educação/formação como define o critério de jovens NEEF, sendo que a maior parte se enquadrava na tipologia NEEF desempregado (51.60%). Os jovens tinham idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos ($M = 28.86$; $DP = 2.79$), dos quais 236 (63.80%) eram do sexo feminino e 134 (36.20%) do sexo masculino. Relativamente à sua escolaridade, 159 (43%) jovens tinham concluído o ensino secundário, 151 (40.80%) tinham terminado o ensino básico de escolaridade e apenas 60 (16.20%) jovens tinham concluído o ensino superior.

No que diz respeito à sua experiência profissional, 295 (79.70%) jovens tinham dois ou mais anos de experiência, enquanto 75 (20.30%) jovens tinham até um ano de experiência profissional. Duzentos e vinte dois (60%) jovens tinham dois ou mais anos de experiência com contrato de trabalho e 192 (51.90%) participantes não tinham recebido o subsídio de desemprego nos 12 meses anteriores ao estudo. A maior parte dos participantes (56.20%) revelou encontrar-se numa situação de privação material severa.

3.2. Instrumentos

3.2.1. Escala de Satisfação com o Suporte Social

Esta escala (Ribeiro, 1999) mede o suporte social percebido através de 15 itens, avaliados numa escala tipo *Likert* de cinco pontos (discordo totalmente = 1 a concordo totalmente = 5). Os itens desta escala subdividem-se em quatro dimensões: *satisfação com os amigos*, mede a satisfação com o suporte social das amizades através de cinco itens ($\alpha=.83$); *intimidade*, mede a percepção da existência de suporte social íntimo, a partir de quatro itens ($\alpha=.74$); *satisfação com a família*, mede a satisfação com o suporte familiar existente a partir de três itens ($\alpha=.74$); e *atividades*

sociais, mede a satisfação com as atividades sociais que realiza, através de três itens ($\alpha=.64$). No presente trabalho foram incluídas, apenas, as dimensões *satisfação com os amigos* (e.g., “2. Estou satisfeito com a quantidade de amigos que tenho”) e *satisfação com a família* (e.g., “10. Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a minha família”), apresentando uma boa consistência interna de $\alpha=.74$ e $\alpha=.86$, respetivamente.

3.2.2. Escala de Esperança

Esta escala mede a perceção de esperança do indivíduo (Snyder et al., 1991). Encontra-se validada para a população portuguesa por Marques e colegas (2014) para adolescentes e adultos. Constam, originalmente, 12 itens desta escala, com quatro itens para cada uma das três dimensões (caminhos, iniciativa e distratores). Todos os itens são avaliados através de uma escala tipo *Likert* de oito pontos (de totalmente falso = 1 a totalmente verdadeiro = 8). Neste estudo apenas foram utilizados os itens que remetem para as dimensões caminhos (e.g., “1. Consigo pensar em várias maneiras de me desenrascar”) e iniciativa (e.g., “2. Tento alcançar incansavelmente os meus objetivos”). As subescalas originais de iniciativa e caminhos apresentam uma elevada consistência interna ($\alpha=.86$), bem como individualmente - iniciativa ($\alpha=.79$) e caminhos ($\alpha=.81$). Neste estudo, os oito itens das subescalas apresentam, igualmente, uma elevada consistência interna ($\alpha=.89$), e o mesmo acontece, singularmente, na dimensão caminhos ($\alpha=.84$) e na dimensão iniciativa ($\alpha=.81$).

3.2.3. Variáveis Sociodemográficas

Foi, ainda, realizado um questionário de modo a recolher características sociodemográficas da amostra em estudo, tais como: idade (em anos), sexo (0 = masculino; 1 = feminino), nível de escolaridade (0 = ensino básico; 1 = ensino secundário; 2 = ensino superior). Relativamente às questões relacionadas com o emprego foram caracterizadas as seguintes variáveis: experiência profissional e número de anos com contrato de trabalho (0 = menos de 1 ano; 1 = 1 ano; 2 = 2 ou mais anos) e ter recebido subsídio de desemprego nos últimos 12 meses (0 = não; 1 = sim). De forma a compreender a condição NEEF do participante foi utilizada a seguinte classificação: 1 = desempregado; 2 = ocupado por motivos familiares ou de saúde; 3 = desocupado, à procura de mais formação; 4 = à espera de um trabalho compatível com qualificações; e 5 = NEEF voluntário.

3.2.4. Escala de Privação Material

Esta escala mede a taxa de privação material de acordo com os critérios das estatísticas da União Europeia sobre renda e condições de vida (*EU Statistics on Income and Living Conditions, EU-SILC*; EUROSTAT, 2018). Existem, nesta escala, nove itens: incapacidade para pagar despesas inesperadas; fazer férias fora de casa; fazer uma refeição de carne/peixe ou equivalente regularmente; manter um aquecimento adequado da habitação; ter máquina de lavar roupa; televisão a cores; telefone; ou automóvel; e, ainda, atrasos no pagamento de despesas regulares (e.g., renda habitação, contas de serviços públicos). Para cada item o participante deve responder se tem (1 = sim) ou não (0 = não) capacidade para suportar essa necessidade/despesa. De seguida, as respostas são agrupadas de modo a compreender a situação de privação material em que o participante, ou o seu agregado familiar, se encontra. Caso não consiga suportar até dois dos itens mencionados não se verifica a existência de privação material (0 = sem privação material), se o agregado familiar for incapaz de pagar três dos nove itens considerados como desejáveis ou necessários para uma vida adequada, pode afirmar-se que se encontra em situação de privação material (1 = privação material). No caso de o agregado não ter capacidade para pagar pelo menos quatro dos itens referidos, caracteriza-se a sua situação como privação material severa (2 = privação material severa). O último item desta escala, correspondente à questão “9. Tem disponibilidade de televisão a cores?”, foi retirado deste estudo após a aplicação de um pré-teste que alertou para o facto de este ser um item desatualizado, tendo levantado bastantes questões entre os jovens.

3.3. Procedimentos

3.3.1. Procedimento de Recolha

O estudo foi aprovado pelo Comité de Ética do ISCTE-IUL. Previamente, foi realizado e assinado um protocolo de colaboração entre o ISCTE-IUL e a Direção Regional do Emprego e Qualificação Profissional (DREQP) da Região Autónoma dos Açores, para enquadrar a realização deste trabalho. Foram seleccionados, a partir de uma amostra maior, 370 jovens adultos, identificados e convidados a participar neste estudo a partir de uma colaboração com os serviços públicos de emprego, existindo como critério de seleção extraordinário para este estudo a idade compreendida entre os 25 e 34 anos.

De modo a aplicar o estudo foi desenvolvido o protocolo numa ferramenta de *chatbot*. Um *chatbot* é um programa que simula uma conversa humana em plataformas de redes sociais (neste caso, Facebook e Instagram), a partir de um banco de dados previamente estruturado.

Este banco de dados é organizado como uma corrente para conseguir orientar as interações com base nos padrões de resposta dos participantes (Huang et al., 2015). Esta forma de aplicar o estudo é vista pelas populações mais jovens como mais descontraída e aliciante comparativamente aos formatos tradicionais de questionários online.

Os dados foram recolhidos no mês de junho de 2020. Com o auxílio da DREQP, os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo. Foi, também, a DREQP a enviar o link do estudo. Ao abrir o link, os participantes foram novamente informados sobre os objetivos do estudo e os termos de confidencialidade e deram o seu consentimento para participar. Foi, ainda, explicado que o *chatbot* se desenvolve a partir de uma conversa simulada e que ninguém estaria online durante o seu preenchimento. O *chatbot* cria um código para o perfil de Facebook ou Instagram de cada participante, de forma a garantir o anonimato e apenas permitir uma resposta por questão.

3.3.2. Procedimento de Análise

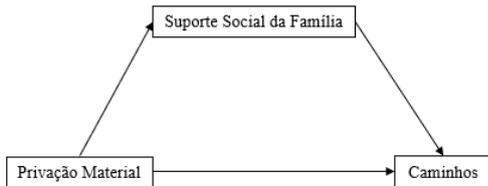
Posteriormente, foram analisados os resultados através do programa SPSS v. 26.0, recorrendo a análises descritivas e correlacionais, assim como de regressão. Foram analisados quatro modelos de regressão. Num primeiro passo, os modelos de análise incluíram como covariáveis as variáveis com relações significativas tanto com as variáveis de resultado como com a variável mediadora. Num segundo passo, foram incluídas, apenas, as covariáveis com correlações significativas com a variável de resultado. Com isto, verificámos que apesar da variação explicada se manter nos modelos de regressão, à exceção do modelo 3 que aumentou ligeiramente quando utilizada a primeira forma de análise, e não existirem alterações significativas nos resultados da regressão, a adequabilidade dos quatro modelos se revelou sempre mais baixa quando utilizadas mais covariáveis. Assim sendo, seguindo a ótica do princípio da parcimónia, optámos por analisar os modelos mais simples (i.e., com menos covariáveis) e com maior adequabilidade, passando, assim, a descrevê-los abaixo.

O *modelo 1* testou as associações entre privação material x suporte social da família e caminhos, com a experiência profissional e suporte social dos amigos como covariáveis. O *modelo 2* testou as associações entre privação material x suporte social dos amigos e caminhos, com a experiência profissional e suporte social da família como covariáveis. O *modelo 3* testou as associações entre privação material x suporte social da família e iniciativa, com número de anos de contrato, experiência profissional, subsídio de desemprego e suporte social dos amigos como covariáveis. O *modelo 4* testou as associações entre privação material x suporte social dos amigos e iniciativa, com número de anos de contrato, experiência profissional, subsídio de

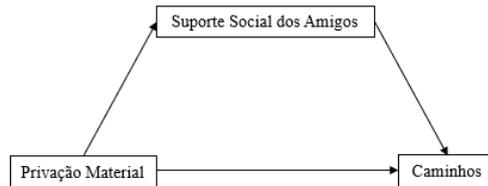
desemprego e suporte social da família como covariáveis. Estas análises foram desenvolvidas no SPSS através da macro PROCESS v3.5 com 5,000 *bootstrap samples* e um intervalo de confiança de 95% (Hayes, 2018). Os modelos estão presentes na Figura 3.1.

Figura 3.1.

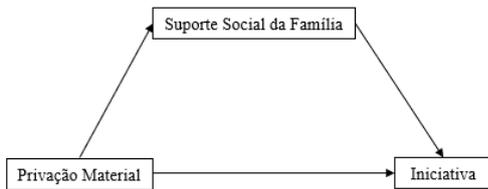
Modelos de Mediação 1, 2, 3 e 4



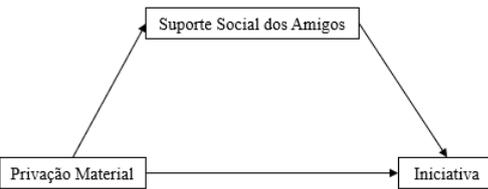
Modelo 1. Efeito da privação material em caminhos mediado pelo suporte social da família



Modelo 2. Efeito da privação material em caminhos mediado pelo suporte social dos amigos



Modelo 3. Efeito da privação material em iniciativa mediado pelo suporte social da família



Modelo 4. Efeito da privação material em iniciativa mediado pelo suporte social dos amigos

Resultados

4.1. Análise Correlacional

O quadro 4.1 sumaria as correlações entre as variáveis do estudo. Ser do sexo feminino está associado a um nível de escolaridade mais elevado ($r = .14$; $p < .01$) e ao aumento da privação material ($r = .11$; $p < .05$). Inversamente, a correlação entre a escolaridade e a privação material foi negativa ($r = -.17$; $p < .01$).

A idade está moderadamente associada a um aumento do número de anos de contrato de emprego ($r = .25$; $p < .01$). Por sua vez, este aumento da idade ($r = .23$; $p < .01$) e do número de anos de contrato ($r = .59$; $p < .01$) está positivamente relacionado com a experiência profissional. Podemos, ainda, constatar que ter mais anos de contrato de emprego ($r = .37$; $p < .01$) e mais experiência profissional ($r = .23$; $p < .01$) está positivamente associado com o receber subsídio de desemprego.

Quando falamos das variáveis de suporte social podemos verificar que a escolaridade está significativamente e negativamente relacionada com o suporte social familiar ($r = -.13$; $p < .05$); e que tanto o número de anos de contrato ($r = .18$; $p < .01$), a experiência profissional ($r = .14$; $p < .01$) e o suporte social familiar ($r = .37$; $p < .01$) estão positivamente associados ao suporte social dos amigos.

Relativamente às dimensões da esperança, na dimensão caminhos podemos verificar uma correlação positiva com o suporte social da família ($r = .22$; $p < .01$) e o suporte social dos amigos ($r = .17$; $p < .01$), assim como uma associação significativa com o aumento da experiência profissional ($r = .10$; $p < .05$).

Participantes com mais anos de contrato de trabalho ($r = .22$; $p < .01$), mais experiência profissional ($r = .19$; $p < .01$), que recebem subsídio de desemprego ($r = .11$; $p < .05$), com uma maior perceção de suporte social dos amigos ($r = .22$; $p < .01$) e da família ($r = .31$; $p < .01$) estão associados à dimensão iniciativa. No entanto, uma privação material mais severa está negativamente relacionada com a perceção de iniciativa dos jovens NEEF ($r = -.15$; $p < .01$). É, ainda, possível, verificar a correlação significativa entre ambas as dimensões de esperança, iniciativa e caminhos ($r = .74$; $p < .01$).

Quadro 4.1.*Estatísticas Descritivas e Correlações*

Variáveis	M (DP)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. Sexo	---	-										
2. Idade	28.86 (2.79)	-.02	-									
3. Escolaridade	---	.14**	-.02	-								
4. Número de anos de contrato de emprego	---	-.08	.25**	.04	-							
5. Experiência Profissional	---	-.09	.23**	.05	.59**	-						
6. Subsídio de Desemprego	---	.02	.07	-.02	.37**	.23**	-					
7. Privação Material		.11*	-.01	-.17**	-.04	.02	-.02	-				
8. Suporte Social da Família	11.76 (3.17)	-.09	.02	-.13*	.03	.07	.02	.01	-			
9. Suporte Social dos Amigos	18.41 (4.25)	-.09	.00	.07	.18**	.14**	.05	.05	.37**	-		
10. Caminhos	24.49 (5.73)	.02	-.04	-.02	.10	.10*	.05	-.09	.22**	.17**	-	
11. Iniciativa	22.39 (5.73)	-.02	.01	-.07	.22**	.19**	.11*	-.15**	.31**	.22**	.74**	-

* $p < .05$; ** $p < .01$ Nota: $n = 370$

4.2. Análise de Regressão

O *modelo 1* é significativo, $F(4,365) = 7.12$, $p < .001$, e explica aproximadamente 7% da variância da percepção de caminhos dos participantes. Prosseguindo com as análises dos valores apresentados no quadro 4.2, conseguimos verificar uma relação entre o aumento da severidade da privação material e uma menor percepção de esperança, na dimensão caminhos dos participantes ($\beta = -0.67$, $p < .05$, IC 95% [-1.31, -0.02]). O suporte social da família está significativamente relacionado com a variável caminhos ($\beta = 0.35$, $p < .001$, IC 95% [0.15, 0.54]). Isto significa que à medida que a percepção de suporte familiar aumenta os jovens revelam maior capacidade de perceber mais caminhos, mais estratégias, possíveis para atingir os seus objetivos. Para além disto, nem a percepção de suporte social dos amigos nem a experiência profissional, introduzidas no modelo como covariáveis, apresentam uma associação significativa com a dimensão de esperança (i.e., caminhos).

Relativamente à interação da privação material e da mediadora suporte social familiar na percepção de esperança dos jovens NEEF esta mostra não ser significativa (IC 95% [-0.14, 0.12]), ou seja, é inadequada para explicar esta relação, não sendo possível verificar uma mediação entre estas variáveis.

O *modelo 2* é significativo, $F(4,365) = 7.12$, $p < .001$, explica aproximadamente 7% da variância do sentido de caminhos dos participantes. Este modelo de regressão replica os valores do modelo descrito anteriormente. Também se verificou a inexistência de mediação uma vez que a interação entre a variável privação material e o suporte social dos amigos não se mostra significativa (IC 95% [-0.03, 0.12]) na sua relação com a percepção de caminhos por estes jovens.

O *modelo 3* é significativo, $F(6,363) = 12.25$, $p < .001$, e explica aproximadamente 17% da iniciativa dos participantes. Olhando para os valores descritos no quadro 4.2, conseguimos verificar uma associação negativa entre a privação material e a iniciativa dos jovens NEEF ($\beta = -0.99$, $p < .01$, IC 95% [-1.61, -0.38]). Isto quer dizer que à medida que a situação de privação material se agrava, estes jovens tendem a perceber menor iniciativa para alcançar os seus objetivos. Verificou-se, ainda, que à medida que a percepção de suporte social da família aumenta, aumenta também a percepção de iniciativa destes jovens, sendo esta uma relação muito significativa ($\beta = 0.48$, $p < .001$, IC 95% [0.29, 0.66]). O suporte social dos amigos apresenta uma fraca associação com a variável iniciativa ($\beta = 0.14$, $p < .05$, IC 95% [0.00, 0.28]), o que significa que quando os jovens NEEF percebem maior suporte dos seus amigos existe uma ligeira tendência para que a iniciativa destes jovens aumente. Também, o número de anos de

contrato de trabalho mostrou estar relacionado com a iniciativa ($\beta = 0.89, p < .05, IC\ 95\% [0.01, 1.77]$), ou seja, quanto mais anos de contrato de trabalho, maior será a iniciativa do jovem para alcançar os seus objetivos. Mais uma vez, a experiência profissional não apresenta uma relação significativa com a dimensão de esperança (i.e., iniciativa) e o mesmo acontece com a variável subsídio de desemprego.

De acordo com o quadro 4.2, a interação entre a privação material e suporte familiar na relação com a dimensão iniciativa é negativa e não significativa (IC 95% [-0.20, 0.15]), ou seja, não nos permite verificar uma relação de mediação, mas verificar apenas associações diretas entre as variáveis do estudo.

O *modelo 4* é significativo, $F(6,363) = 12.25, p < .001$, e explica aproximadamente 17% da iniciativa dos participantes. Este modelo de regressão replica os valores do modelo 3, descrito acima. A relação entre a privação material e o suporte social dos amigos na relação com a iniciativa não se mostra significativa (IC 95% [-0.03, 0.14]), o que implica a inadequabilidade desta interação para explicar as associações entre as variáveis em estudo.

Quadro 4.2.

Regressão Linear, Erro-Padrão e Intervalo de Confiança de 95% Para o Modelo 1, Modelo 2, Modelo 3 e Modelo 4

Variáveis e Interações	Caminhos			Caminhos			Iniciativa			Iniciativa		
	<i>B</i>	<i>EP</i>	IC 95%	<i>B</i>	<i>EP</i>	IC 95%	<i>B</i>	<i>EP</i>	IC 95%	<i>B</i>	<i>EP</i>	IC 95%
Privação Material	-0.67*	.33*	[-1.31; -0.02]	-0.67*	.33*	[-1.31; -0.02]	-0.99**	.31**	[-1.61; -0.38]	-0.99**	.31**	[-1.61; -0.38]
Suporte Social Família	0.35***	.10***	[0.15; 0.54]	0.35***	.10***	[0.15; 0.54]	0.48***	.09***	[0.29; 0.66]	0.48***	.09***	[0.29; 0.66]
Suporte Social Amigos	0.12	.07	[-0.03; 0.26]	0.12	.07	[-0.03; 0.26]	0.14*	.07*	[0.00; 0.28]	0.14*	.07*	[0.00; 0.28]
Experiência Profissional	0.93	.72	[-0.49; 2.35]	0.93	.72	[-0.49; 2.35]	0.83	.85	[-0.85; 2.50]	0.83	.85	[-0.85; 2.50]
Subsídio de Desemprego	---	---	---	---	---	---	0.52	.59	[-0.64; 1.69]	0.52	.59	[-0.64; 1.69]
Número de Anos de Contrato	---	---	---	---	---	---	0.89*	.45*	[0.01; 1.77]	0.89*	.45*	[0.01; 1.77]
PrivaçãoMaterialxSuporteSocialFamília	-0.01	.06	[-0.14; 0.12]	---	---	---	-0.02	.09	[-0.20; 0.15]	---	---	---
PrivaçãoMaterialxSuporteSocialAmigos	---	---	---	0.03	.04	[-0.03; 0.12]	---	---	---	0.04	.04	[-0.03; 0.14]

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

EP – Erro Padrão; IC – Intervalo de Confiança

CAPÍTULO 5

Conclusão

Com este estudo procurámos perceber se as questões socioeconómicas afetam a perceção de esperança dos jovens NEEF residentes em meios rurais (neste caso, na Região Autónoma dos Açores) e, de seguida, se a relação entre estas variáveis é mediada pela perceção de suporte social relativamente à família e aos amigos dos jovens que não trabalham nem estão a estudar ou em formação. Era esperado que jovens que relatassem estar numa situação de maior privação material reportassem menor perceção de esperança. Também se previa que a perceção de suporte social, tanto familiar como dos amigos, mediasse a relação entre a privação material e a perceção de esperança dos jovens NEEF. Foram encontrados resultados que permitem suportar a primeira hipótese, todavia o mesmo não se verificou no caso da segunda hipótese formulada. Conseguimos, no entanto, mostrar que as associações destas variáveis com as dimensões de esperança são independentes. Passaremos, então, a discutir os principais resultados deste estudo.

Tal como previsto, os nossos resultados suportaram a hipótese de que piores condições socioeconómicas (i.e., privação material) estão associadas a uma pior perceção de esperança. Esta descoberta vai ao encontro de resultados anteriores que nos mostram que jovens provenientes de famílias com menos recursos tendem a apresentar menos aspirações futuras e maior perceção de barreiras ao seu sucesso. Consequentemente, em função deste contexto desfavorável, são observados níveis inferiores de esperança nas dimensões de caminhos, isto é, no desenvolvimento de estratégias para atingir determinados objetivos, e nos próprios pensamentos de iniciativa para os alcançar (Bishop & Willis, 2014; Lopez et al., 2000; Yin et al., 2019). Em suma, a desvantagem socioeconómica tem efeitos imediatos, como é habitualmente demonstrado na literatura, mas também está associada a uma menor estruturação de cenários futuros, bem como um menor nível de iniciativa no desenvolvimento de ações que possam concretizar objetivos.

Ao contrário do que era esperado, as interações entre privação material e o suporte social, seja o suporte percebido na esfera familiar ou o suporte percebido da parte dos amigos, não foram significativas. Isto mostra que não existe um efeito mediador do suporte social na relação entre as condições socioeconómicas e a perceção de esperança dos jovens NEEF. Na verdade, e como mencionado previamente, este efeito mediador do suporte social está ainda pouco explorado na literatura, podendo encontrar o mesmo na associação entre condições

socioeconómicas e otimismo (Piko et al., 2013), percepção de saúde de jovens (Salonna et al., 2012), depressão em adolescentes (Zou et al., 2020), e satisfação com a vida (Yan et al., 2020). Fracas associações na relação de mediação podem ser explicadas pela interação de outros fatores como genética, personalidade e estilo de vida (Aartsen et al., 2017). Não existindo evidência específica que teste o efeito desta relação na percepção de esperança dos jovens, o nosso estudo torna-se pioneiro nesse sentido, contudo os resultados obtidos alertam-nos para a necessidade de outros estudos que procurem verificar estas associações. Isso é particularmente relevante no caso de populações mais vulneráveis, como os jovens NEEF em meios rurais, que podem beneficiar mais deste suporte social informal para compensar o suporte menos adequado dos serviços formais que podem não os conseguir identificar neste processo de transição ou não ter meios suficientes para o fazer.

Apesar de não ter sido verificada a interação prevista, conseguimos apurar que quanto maior for o suporte social percebido, maior a percepção de esperança relatada por parte dos jovens NEEF, em ambas as dimensões caminhos e iniciativa. A literatura suporta estes resultados, mostrando que quanto maiores níveis de suporte social mais elevada é a percepção de esperança (Fruht, 2015; Ling et al., 2015). Ao formarem relações com outros significativos, e ao perceberem apoio elevado nestas relações, estes jovens voltam a motivar-se para novos desafios e a compreender a necessidade de desenvolver uma noção de projeção futura (Torald & Serio, 2014). Por outro lado, sentem maior vontade para concretizar os seus objetivos, enquanto se sentem mais capazes de desenvolver as estratégias necessárias para o conseguir. O desenvolvimento destas percepções pode, pois, ser crucial para sair da condição NEEF.

O suporte da família foi o que mostrou associações mais consistentes com as dimensões de esperança no decorrer das análises. Maior percepção de suporte social familiar demonstrou ter uma relação significativa na esperança dos jovens NEEF em todos os modelos de regressão testados neste estudo, evidenciando a sua influência positiva no planeamento de objetivos futuros, quer nas estratégias para os alcançar (i.e., caminhos), quer no sentido de desenvolver ações para prosseguir (i.e., iniciativa). Este resultado encontra-se na mesma linha de outros resultados existentes na literatura, onde também podemos encontrar uma forte e positiva associação entre o suporte familiar e a esperança (Archer et al., 2019; Fruht, 2015; Kemer & Atik, 2012; Ling et al., 2015). A família tem uma especial influência nos jovens NEEF residentes em meios rurais (Simões, 2018). Esta tende a incentivar os jovens relativamente às suas competências, a reduzir o impacto de riscos como o estatuto socioeconómico e pode, ainda, possibilitar oportunidades de emprego através dos seus contactos (Almeida & Simões, 2020; Papadakis & Kyvelou, 2017; Simões, 2018; Simões et al., 2017). Os laços sociais informais

são, por isso, extremamente importantes nestas áreas remotas, existindo uma centralidade dos valores familiares e comunitários cujo apoio tende a compensar falhas dos apoios formais (e.g. serviços de emprego).

A literatura suporta que a família seja tida como a principal fonte de suporte, seguida dos amigos enquanto fonte influente para os adolescentes e jovens adultos (Singh & Dika, 2003; Vilhjalmsson, 1994). Essa relação também é verificada neste estudo. De facto, o suporte social da família evidenciou uma associação mais vezes significativa com as dimensões de esperança como descrito acima. Podemos, ainda assim, afirmar que maior percepção de suporte social dos amigos fez com que os jovens NEEF aumentassem a sua percepção de esperança, apesar desta relação ser muito fraca. No que diz ainda respeito ao suporte social percebido nas amizades, conseguimos também constatar que este parece ter uma tendência diferente à proposta por Archer e colegas (2019). Estes autores propõem a possibilidade de o suporte percebido das amizades operar como influência para a capacidade dos jovens de planeamento de objetivos e no desejo para os atingir, ou seja, este tipo de suporte poderia ter maior impacto na promoção de esperança no âmbito da dimensão caminhos. Contudo os nossos resultados mostraram que esta associação apenas é significativa na dimensão da iniciativa. Tal leva-nos a sugerir que os amigos possam ter maior peso na promoção para a ação, ou seja, que os amigos influenciem mais os jovens a atingir objetivos e não a planeá-los. Aliás, no geral, a variância explicada na iniciativa é maior do que a variância explicada nos caminhos. Isto demonstra que o suporte social e a privação material afetam mais, em conjunto, ainda que de forma independente, a iniciativa. Ou seja, estes fatores têm mais impacto nos aspetos de ação e comportamentais da esperança do que nos aspetos cognitivos (de planeamento). Quando olhamos para a teoria dos adultos emergentes (Arnett, 2004), podemos constatar que são os próprios jovens que destacam a pressão sentida por parte dos seus amigos (e familiares) para avançar com certas expectativas, o que por inércia ou por ver os seus amigos a fazer determinada coisa os poderá levar a avançar por determinado caminho (e.g., ir para a faculdade ou casar). É importante que todos estes resultados sejam melhor explorados futuramente.

5.1. Implicações e Limitações

Esta investigação mostrou o impacto negativo das condições socioeconómicas na percepção de esperança dos jovens NEEF; e o facto de o suporte social, especialmente o suporte familiar, melhorar a percepção de esperança destes jovens em risco. É importante que outros estudos repliquem estas condições, especialmente em áreas rurais, mas também em zonas suburbanas e

urbanas em que predominem famílias de baixos recursos, visto que estes jovens são mais vulneráveis à privação material e, tendencialmente, mais próximos e dependentes das suas famílias o que se reflete no seu desenvolvimento e bem-estar psicológico. Estas conclusões poderão contribuir para uma tomada de decisão mais informada nas políticas e legislações que reconhecem estes jovens e que procuram implementar projetos (e.g., Garantia Jovem) mais adequados às suas características e necessidades, visto que as trajetórias tradicionais não parecem resultar com esta população. Como as condições socioeconómicas apresentam uma forte influência no bem-estar (i.e., esperança) destes jovens, mais atenção deve ser prestada a esta questão na tentativa de criar formações ou estágios remunerados que os possam motivar e auxiliar no regresso ao mercado de trabalho ou até a melhorar a sua formação. Pode ser, também, interessante compreender de que forma projetos de mentoria podem auxiliar estes jovens NEEF, sabendo que os familiares nem sempre têm oportunidade ou possibilidade para providenciar um suporte emocional ajustado às suas necessidades. Uma vez que os jovens residentes em áreas rurais tendem a ser bastante próximos das suas comunidades, é também importante perceber se colaborações entre estas e os municípios poderiam ter maior impacto nestes jovens ao invés dos programas desenvolvidos apenas pelos serviços formais de emprego, de carácter mais abrangente ou nacional (Almeida & Simões, 2020).

Este estudo tem algumas limitações que colocam em causa a generalização destes resultados. Esta investigação trata-se de um estudo correlacional, se por um lado nos permite compreender a relação entre as variáveis, por outro não nos permite explorar a causalidade entre as mesmas. A isto acresce o facto de estarmos a viver uma pandemia que pode ter influenciado os dados obtidos, tanto a nível do suporte social percebido pelos participantes como relativamente à percepção de esperança relatada pelos mesmos. Deste modo, consideramos que investigações futuras devem apostar em estudos longitudinais para melhor compreender estas relações. Importa, ainda, ressaltar que a respetiva recolha de dados foi desenvolvida através de um instrumento ainda pouco conhecido, utilizado como alternativa aos questionários tradicionais, o *chatbot*. Embora seja uma abordagem mais motivadora e interativa, ainda não existem muitas certezas relativamente à sua influência nas respostas dos participantes (Simões et al., 2019).

Referências Bibliográficas

- Aartsen, M., Veenstra, M., & Hansen, T. (2017). Social pathways to health: On the mediating role of the social network in the relation between socio-economic position and health. *SSM - Population Health*, 3, 419–426. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ssmph.2017.05.006>
- Alegre, M. À., Casado, D., Sanz, J., & Todeschini, F. A. (2015). The impact of training-intensive labour market policies on labour and educational prospects of NEETs: Evidence from Catalonia (Spain). *Educational Research*, 57(2), 151–167. <https://doi.org/10.1080/00131881.2015.1030852>
- Almeida, A. N., & Simões, F. (2020). Professional development perspectives across gender and age groups of under-qualified rural NEETs. *Journal of Community Psychology*, 48(5), 1620–1636. <https://doi.org/10.1002/jcop.22356>
- Amparo, D. M., Galvão, A. C. T., Alves, P. B., Brasil, K. T., & Koller, S. H. (2008). Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de Psicologia*, 13(2), 165–174. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2008000200009>
- Archer, C. M., Jiang, X., Thurston, I. B., & Floyd, R. G. (2019). The differential effects of perceived social support on adolescent hope: Testing the moderating effects of age and gender. *Child Indicators Research*, 12, 2079–2094. <https://doi.org/10.1007/s12187-019-9628-x>
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469–480. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. Oxford University Press.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. *Journal of Youth Studies*, 9(1), 111–123. <https://doi.org/10.1080/13676260500523671>
- Bæck, U. D. K. (2016). Rural location and academic success—Remarks on research, contextualisation and methodology. *Scandinavian Journal of Educational Research*, 60(4), 435–448. <https://doi.org/10.1080/00313831.2015.1024163>
- Batini, F., Corallino, V., Toti, G., & Bartolucci, M. (2017). NEET: A phenomenon yet to be explored. *Interchange*, 48, 19–37. <https://doi.org/10.1007/s10780-016-9290-x>
- Bishop, E. C., & Willis, K. (2014). 'Without hope everything would be doom and gloom': Young people talk about the importance of hope in their lives. *Journal of Youth Studies*, 17(6), 778–793. <https://doi.org/10.1080/13676261.2013.878788>
- Bynner, J. (2005). Rethinking the youth phase of the life-course: The case for emerging adulthood?. *Journal of Youth Studies*, 8(4), 367–384. <https://doi.org/10.1080/13676260500431628>
- Carcillo, S., Fernández, R., Königs, S., & Minea, A. (2015). *NEET youth in the aftermath of the crisis: Challenges and policies* (No. 164, OECD Social, Employment and Migration Working Papers). OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/5js6363503f6-en>
- Caroleo, F. E., Rocca, A., Mazzocchi, P., & Quintano, C. (2020). Being NEET in Europe before and after the economic crisis: An analysis of the micro and macro determinants. *Social Indicators Research*, 149, 991–1024. <https://doi.org/10.1007/s11205-020-02270-6>
- De Hoyos, M., & Green, A. (2011). Recruitment and retention issues in rural labour markets. *Journal of Rural Studies*, 27(2), 171–180. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2010.12.003>
- DeLuca, C., Godden, L., Hutchinson, N. L., & Versnel, J. (2015). Preparing at-risk youth for a changing world: Revisiting a person-in-context model for transition to employment. *Educational Research*, 57(2), 182–200. <https://doi.org/10.1080/00131881.2015.1030854>

- Eurofound. (2012). *NEETs: Young people not in employment, education or training: Characteristics, costs and policy responses in Europe*. Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2806/41578>
- EUROSTAT. (2018). *Glossary: Material deprivation - statistics explained*. Retrieved October 10, 2020, from https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Glossary:Material_deprivation
- EUROSTAT. (2019). *Young people neither in employment nor in education and training by sex and NUTS 2 regions (NEET rates)*. Retrieved October 10, 2020, from http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/show.do?dataset=edat_lfse_22&lang=en
- EUROSTAT. (2020). *Statistics on young people neither in employment nor in education or training - statistics explained*. Retrieved July 5, 2020, from https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Statistics_on_young_people_neither_in_employment_nor_in_education_or_training
- Fruht, V. M. (2015). Supportive others in the lives of college students and their relevance to hope. *Journal of College Student Retention: Research, Theory and Practice*, 17(1), 64–87. <https://doi.org/10.1177/1521025115571104>
- Furlong, A. (2006). Not a very NEET solution: Representing problematic labour market transitions among early school-leavers. *Work, employment and society*, 20(3), 553–569. <https://doi.org/10.1177/0950017006067001>
- Gottlieb, B. H., & Bergen, A. E. (2010). Social support concepts and measures. *Journal of Psychosomatic Research*, 69(5), 511–520. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2009.10.001>
- Hayes, A. F. (2018). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach* (2nd ed.). The Guilford Press.
- Henderson, J. L., Hawke, L. D., & Chaim, G. (2017). Not in employment, education or training: Mental health, substance use, and disengagement in a multi-sectoral sample of service-seeking Canadian youth. *Children and Youth Services Review*, 75, 138–145. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2017.02.024>
- Hirschi, A., Abessolo, M., & Froidevaux, A. (2015). Hope as a resource for career exploration: Examining incremental and cross-lagged effects. *Journal of Vocational Behavior*, 86, 38–47. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2014.10.006>
- Huang, J., Li, Q., Xue, Y., Cheng, T., Xu, S., Jia, J., & Feng, L. (2015). Teenchat: A chatterbot system for sensing and releasing adolescents' stress. In Yin X., Ho K., Zeng D., Aickelin U., Zhou R., Wang H. (Eds.), *Health information science: Lecture notes in computer science*, 9085, (pp. 133–145). Springer Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-19156-0_14
- Hutchinson, J., & Kettlewell, K. (2015). Education to employment: complicated transitions in a changing world. *Educational Research*, 57(2), 113–120. <https://doi.org/10.1080/00131881.2015.1030848>
- Instituto Nacional de Estatística. (2020). *Estatísticas do emprego 2º trimestre de 2020*. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=415270375&DESTAQUESmodo=2
- James, R. (2001). Participation disadvantage in Australian higher education: An analysis of some effects of geographical location and socioeconomic status. *Higher Education*, 42, 455–472. <https://doi.org/10.1023/A:1012264010667>
- Jung, J. (1987). Toward a social psychology of social support. *Basic and Applied Social Psychology*, 8(1 & 2), 57–83.

- Kemer, G., & Atik, G. (2012). Hope and social support in high school students from urban and rural areas of Ankara, Turkey. *Journal of Happiness Studies*, *13*, 901–911. <https://doi.org/10.1007/s10902-011-9297-z>
- Kraak, A. (2013). State failure in dealing with the NEET problem in South Africa: Which way forward?. *Research in Post-Compulsory Education*, *18*(1–2), 77–97. <https://doi.org/10.1080/13596748.2013.755819>
- Li, Y., Doyle Lynch, A., Kalvin, C., Liu, J., & Lerner, R. M. (2011). Peer relationships as a context for the development of school engagement during early adolescence. *International Journal of Behavioral Development*, *35*(4), 329–342. <https://doi.org/10.1177/0165025411402578>
- Ling, Y., Huebner, E. S., Liu, J., Liu, W. L., Zhang, J., & Xiao, J. (2015). The origins of hope in adolescence: A test of a social-cognitive model. *Personality and Individual Differences*, *87*, 307–311. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.08.016>
- Lopez, S. J., Gariglietti, K. P., McDermott, D., Sherwin, E. D., Floyd, R. K., Rand, K., & Snyder, C. R. (2000). Hope for the evolution of diversity: On leveling the field of dreams. In C. R. Snyder (Ed.), *Handbook of hope: Theory, measures, and applications* (pp. 223–242). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-012654050-5/50014-2>
- Marques, S. C., Lopez, S. J., Fontaine, A. M., Coimbra, S., & Mitchell, J. (2014). Validation of a portuguese version of the Snyder hope scale in a sample of high school students. *Journal of Psychoeducational Assessment*, *32*(8), 781–786. <https://doi.org/10.1177/0734282914540865>
- Mascherini, M. (2019). Origins and future of the concept of NEETs in the European policy agenda. In J. O'Reilly, J. Leschke, R. Ortlieb, M. Seeleib-Kaiser, & P. Villa (Eds.), *Youth labor in transition: Inequalities, mobility, and policies in Europe* (pp. 503–529). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190864798.003.0017>
- O'Dea, B., Lee, R. S. C., McGorry, P. D., Hickie, I. B., Scott, J., Hermens, D. F., Mykeltun, A., Purcell, R., Killackey, E., Pantelis, C., Amminger, G. P., & Glozier, N. (2016). A prospective cohort study of depression course, functional disability, and NEET status in help-seeking young adults. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, *51*, 1395–1404. <https://doi.org/10.1007/s00127-016-1272-x>
- O'Reilly, J., Eichhorst, W., Gábos, A., Hadjivassiliou, K., Lain, D., Leschke, J., McGuinness, S., Kureková, L. M., Nazio, T., Ortlieb, R., Russell, H., & Villa, P. (2015). Five characteristics of youth unemployment in Europe: Flexibility, education, migration, family legacies, and EU policy. *SAGE Open*. <https://doi.org/10.1177/2158244015574962>
- Papadakis, N., & Kyvelou, S. (2017). Greek islands in crisis: Social vulnerability and the need for integrated territorial development strategies. *European Quarterly of Political Attitudes and Mentalities*, *6*(2), 67–88.
- Piko, B. F., Luszczynska, A., & Fitzpatrick, K. M. (2013). Social inequalities in adolescent depression: The role of parental social support and optimism. *International Journal of Social Psychiatry*, *59*(5), 474–481. <https://doi.org/10.1177/0020764012440788>
- Ribeiro, J. L. P. (1999). Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica*, *17*(3), 547–558.
- Rowland, J., Ferreira, V. S., Vieira, M. M. & Pappamikail, L. (2014). Nem em emprego, nem em educação ou formação: Jovens NEEF em Portugal numa perspetiva comparada. *Policy Brief*. Observatório Permanente da Juventude.
- Sadler, K., Akister, J., & Burch, S. (2015). Who are the young people who are not in education, employment or training? An application of the risk factors to a rural area in the UK. *International Social Work*, *58*(4), 508–520. <https://doi.org/10.1177/0020872813515010>
- Salonna, F., Geckova, A.M., Zezula, I., Sleskova, M., Groothoff, J. W., Reijneveld, S. A., & Dijk, J. P. (2012). Does social support mediate or moderate socioeconomic differences in

- self-rated health among adolescents?. *International Journal of Public Health*, 57, 609–617. <https://doi.org/10.1007/s00038-011-0300-6>
- Sarason, I. G., & Sarason, B. R. (2009). Social support: Mapping the construct. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26(1), 113–120. <https://doi.org/10.1177/0265407509105526>
- Schoon, I., & Heckhausen, J. (2019). Conceptualizing individual agency in the transition from school to work: A social-ecological developmental perspective. *Adolescent Research Review*, 4, 135–148. <https://doi.org/10.1007/s40894-019-00111-3>
- Simões, F. (2018). How to involve rural NEET youths in agriculture? Highlights of an untold story. *Community Development*, 49(5), 556–573. <https://doi.org/10.1080/15575330.2018.1531899>
- Simões, F., Meneses, A., Luís, R., & Drumonde, R. (2017). NEETs in a rural region of Southern Europe: perceived self-efficacy, perceived barriers, educational expectations, and vocational expectations. *Journal of Youth Studies*, 20(9), 1109–1126. <https://doi.org/10.1080/13676261.2017.1311403>
- Simões, F., & Rio, N. B. (2020). How to increase rural NEETs professional involvement in agriculture? The roles of youth representations and vocational training packages improvement. *Journal of Rural Studies*, 75, 9–19. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2020.02.007>
- Simões, F., Rocha, R., & Mateus, C. (2019): Beyond the prophecy success: how place attachment and future time perspective shape rural university students intentions of returning to small islands. *Journal of Youth Studies*, 23(7), 990-925. <https://doi.org/10.1080/13676261.2019.1645312>
- Singh, K., & Dika, S. (2003). The educational effects of rural adolescents' social networks. *Journal of Research in Rural Education*, 18(2), 114–128.
- Snyder, C. R. (2002). Hope theory: Rainbows of mind. *Psychological Inquiry*, 13(4), 249–275. https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1304_01
- Snyder, C. R., Harris, C., Anderson, J. R., Holleran, S. A., Irving, L. M., Sigmon, S. T., Yoshinobu, L., Gibb, J., Langelle, C., & Harney, P. (1991). The will and the ways: Development and validation of an individual-differences measure of hope. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(4), 570–585. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.60.4.570>
- Social Exclusion Unit (1999). *Bridging the gap: New opportunities for 16-18 year olds, presented to Parliament by the Prime Minister*. The Stationery Office.
- Toraldo, M., & Serio, M. R. (2014). Psychological disorders and social distress affecting today's youth in Italy: The new face of adolescent problems. *Journal of Psychological Abnormalities in Children*, 3(1). <https://doi.org/10.4172/2329-9525.1000114>
- Vangelisti, A. L. (2009). Challenges in conceptualizing social support. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26(1), 39–51. <https://doi.org/10.1177/0265407509105520>
- Vilhjalmsson, R. (1994). Effects of social support on self-assessed health in adolescence. *Journal of Youth Adolescence*, 23(4), 437–452. <https://doi.org/10.1007/BF01538038>
- Yan, W., Yang, K., Wang, Q., You, X., & Kong, F. (2020). Subjective family socioeconomic status and life satisfaction in Chinese adolescents: The mediating role of self-esteem and social support. *Youth & Society*. <https://doi.org/10.1177/0044118X20941344>
- Yin, X., Li, Z., Yuan, Y., & Wang, Z. (2019). Developmental trajectory of hope among late-adolescents: Population heterogeneity and the impact of gender and family socioeconomic status. *Journal of Adolescence*, 72, 124–131. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.03.003>

Zou, R., Xu, X., Hong, X., & Yuan, J. (2020). Higher socioeconomic status predicts less risk of depression in adolescence: Serial mediating roles of social support and optimism. *Frontiers in Psychology, 11*, Article 1955. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01955>